

OS VALORES: HORIZONTES PARA O NOVO MILÉNIO

Manuel Gama
Departamento de Filosofia
Instituto de Letras e Ciências Humanas
Universidade do Minho

1. A palavra valor, em sentido lato, significa aquilo que uma coisa vale, havendo, no entanto, sempre subjacente uma relação entre um objecto e um padrão utilizado pela consciência que avalia¹. Atendendo à diversidade e complexidade da vida, o termo valor é mais comumente utilizado no plural. Não há um único valor, mas uma multiplicidade de valores. Aquilo que se apresenta ao homem, aparece com horizontes diversos. Daí que Nietzsche se referisse ao homem como aquele que avalia.

O pensamento filosófico, ao longo da sua história, tem-se ocupado dos valores, nomeadamente sob a denominação de transcendentais (o uno, o verdadeiro, o bom). É sobretudo a partir de Nietzsche que esta temática se transformou num problema ainda mais sério. A «inquestionável» racionalidade cartesiana é colocada em questão: «O fundamento é novamente posto em causa: pois a evidência do racional que todos herdámos de Descartes perdeu a sua pregnância fundadora.»² Os denominados "mestres da dúvida" - Nietzsche, Marx, Freud - procuraram realçar a crise da razão ocidental. O que quer dizer a crise do sujeito. No entanto, pensamos, - entrando, talvez, num problema de linguagem, de discurso - são mais os fundamentos da razão que são colocados em causa.

No passado, havia uma preocupação pela procura de princípios, pois o pensamento fundava-se no ponto de partida cartesiano da consciência de si³. Depois, passou-se a um modo fragmentado de filosofar, sem um princípio director, em que «cada um se interessa pelo que quer, fala disso como lhe parece melhor e, conseqüentemente, procura as únicas garantias doravante disponíveis: o aval do grande público ou, na ausência deste, o da

¹ Neste domínio, não podemos esquecer a obra de Max Scheler, *O Formalismo na Ética e a Ética Material dos Valores* (1913-1916), em que é contestado o formalismo kantiano.

² Michel Meyer, *A Problematologia*, Dom Quixote, Lisboa, 1991, p. 123.

³ Cf. *Ib.*, p. 12.

universidade, que conserva a memória filosófica, embora, muito frequentemente, não a enriqueça.»⁴

2. Embora ao homem se sucedesse o homem, e o mundo permanecesse mundo, os enfoques sobre si mesmo e sobre a realidade circundante iam tomando contornos novos. Em vez da "velha" Trindade revelada, verdade donde tudo divergia e para onde tudo convergia, a partir das Luzes propõe-se uma "nova" trindade: a Ciência, a Tecnologia e a Razão. A Ciência é vista como eterna e imperecível como o Pai; a Tecnologia é a realizadora, a que salva como o Filho; a Razão inspira, ilumina como o Espírito Santo⁵. Ou seja, como tão nitidamente vemos reflectido no pensamento nietzscheano, o homem tem procurado inventar um substituto para Deus. Esses sucedâneos técnicos de Deus aí estão: o poder e o dinheiro. Geralmente, de forma associada.

O século vinte ficou marcado por grandes confrontos ideológicos e bélicos. Vários deles ligados a terrores, massacres, carnificinas, desgraças. Outros, de cariz mais humanista, conduziram aos Direitos Humanos - passo importante na caminhada da humanidade. Mesmo assim, o Ocidente foi criando uma tal engrenagem de velocidade⁶ - onde quer meter todo o mundo -, que levou à perda da vida interior do homem. Em 1978, em contexto de plena guerra fria, o escritor e dissidente russo A. Soljénitsyne, falando aos estudantes da Universidade de Harvard, dizia: «Não, eu não posso recomendar a vossa sociedade como ideal para a transformação da nossa [...]. Pusemos demasiadas esperanças nas transformações político-sociais e notamos que nos tiraram o que tínhamos de mais precioso: a nossa vida interior. A Leste, é a feira do Partido que a calca aos pés, a Oeste, a feira do Comércio: e o que mais apavora nem é o facto do mundo estilhaçado, é o facto dos principais pedaços estarem atingidos por uma doença análoga.»⁷

⁴ *Ib.*

⁵ Cf. F. Carvalho Rodrigues, *Ontem, Um Anjo Disse-me. Diálogos para o Século XXI*, Europa-América, Mem Martins, 1995, pp. 13 e ss.

⁶ Veja-se, a propósito, a excelente sátira sobre a tortura do tempo, em que o homem branco se deixou enredar, em E. Scheurmann (recolha), *O Papalagui*, Antígona, Lisboa, 1996, pp. 33 e ss. A armadilha da velocidade está bem equacionada por Milan Kundera quando, na sua pequena obra *A Lentidão*, refere que a intensidade da memória, factor do pensamento, está relacionada com a lentidão. Pelo contrário, a intensidade do esquecimento é directamente proporcional ao grau da velocidade. Cf. Milan Kundera, *A Lentidão*, 8ª ed., Porto, 2002, p. 32.

⁷ Alexandre Soljénitsyne, *O Declínio da Coragem (Discursos de Harvard, Junho 1978)*, Rolim, Lisboa, s. d., p. 49. Veja-se, a propósito, K. Lorenz, *Os Oito Pecados Mortais da Civilização*, Moraes, Lisboa, 1974, pp. 51 e ss. (nova edição na Litoral Edições, Lisboa, 1992).

O mundo, sobretudo o Ocidente, está a viver em plena feira, onde tudo se vende e tudo se compra. O que vende melhor é o mecanicamente, o automaticamente, o imediatamente. O próprio tempo foi redireccionado. O diálogo desinteressado entrou em desconfiança, a relação com o outro passou a ser orientada pela máxima de que "tempo é dinheiro". A mira do dinheiro passou também pela desocultação. O que aparece desvelado nos meios de comunicação social - o sexo, o sofrimento, a miséria, a guerra, a morte, a vida privada -, vende, dá dinheiro. Em pleno ano de 1999, a *BBC* colocou mesmo nos pequenos ecrãs a morte em directo de um doente terminal de cancro⁸. Neste transitar de séculos, até há empresas que se dedicam a rentabilizar os mortos.

Afinal, esta "nova" trindade, que prometia um bem-estar total - semelhante ao paraíso religioso -, trouxe de volta (ou não nos livrou) várias ameaças: a fome (associada às guerras e nos últimos tempos, e no futuro, ligada ao desemprego e à marginalização), a guerra (parece-nos algo distante no espaço, mas o século vinte foi fértil nelas)⁹ e as pestes (a droga, a sida, a pneumonia atípica, como as mais recentes). Conclui a este respeito Carvalho Rodrigues que «sempre que estes três Cavaleiros do Apocalipse cavalgam sobre o Planeta nele se instala a desavença, a descrença, a pobreza e o fim da esperança.»¹⁰ Igualmente a ciência, que tantos benefícios tem trazido à humanidade, começa a reconhecer que «não sabe» sobre alguns dos problemas difíceis da vida: a liberdade, o sentido da vida e da morte, o destino, etc.

3. O quadro traçado parece ser sombrio. É claro que este tipo de diagnósticos depende, em certa medida, do tipo de olhos que lê a realidade¹¹. Mas as consequências, infelizmente, estão já aí. Segundo ecos da imprensa portuguesa, do penúltimo dia de Março de 1998, em encontro de psiquiatras, ou mais concretamente de pedopsiquiatras, chegava-se a esta conclusão-interrogação: «Tratar agora ou drogar depois?», que tinha subjacente o reconhecimento de que as perturbações emocionais dos mais novos não deixam de aumentar.

⁸ O sociólogo dos media, Daniel Bell, conclui que «A morte está a fascinar os media», em *Diário de Notícias*, Lisboa, 2003.07.09.

⁹ As guerras devem entender-se, aqui, num sentido mais amplo, incluindo também as que vão ao cerne da vida: o desrespeito pelas leis fundamentais da natureza - cf. F. Carvalho Rodrigues, *As Novas Tecnologias, o Futuro dos Impérios e os Quatro Cavaleiros do Apocalipse*, Discórdia Editora, Lisboa, 1991, pp. 99-100 (nova edição nas Publicações Europa-América, Mem Martins, 1994) e Luis Archer, *Temas Biológicos e Problemas Humanas*, Brotéria, Lisboa, 1981, pp. 28-31.

¹⁰ F. Carvalho Rodrigues, *Ontem, Um Anjo Disse-me*, *Op. cit.*, p. 13.

¹¹ Lembrem-se, a propósito, os primeiros versos do poema de António Gedeão, intitulado *Impressão Digital*: «Os meus olhos são uns olhos.// E é com esses olhos uns// que eu vejo no mundo escolhos// onde outros, com outros olhos,// não vêem escolhos nenhuns.»

Os referidos especialistas propunham que se invista mais nas causas do que nas consequências e sintomas (o tratamento da toxic dependência e o uso de psicotr3picos).

N3o seremos exaustivos na indica33o de horizontes de esperan3a como antidoto ao diagn3stico apresentado. Na condi33o humana, a criatividade 3 dos factores mais decisivos na melhoria de vida. O horizonte est3 aberto. Pensamos que o novo caminho a fazer, no mundo do dever e sobretudo do porvir, passar3 necessariamente, para al3m de outras vias, pela valoriza33o do 3tico-pol3tico, do religioso e do est3tico.

4. Pelo menos nesta fase da humanidade, n3s precisamos de quem nos governe. No passado, tida como o primeiro poder, a pol3tica foi-se subalternizando pelo poder econ3mico e pelo poder da informa33o. A mira do lucro por qualquer meio - o armamento e a droga movimentam milh3es - e a informa33o, incluindo a il3cita, s3o teia inamov3vel dentro da qual a humanidade vive, sobrevive ou simplesmente vegeta. 3 necess3rio procurar e encontrar uma "nova ordem", que passar3, obrigatoriamente, pela pol3tica, tendo como horizonte a reorganiza33o s3cio-econ3mica, pela religi3o, na busca do sentido individual e colectivo da vida (e da morte) do homem, e pela est3tica, na caminhada para a harmonia pela via do belo.

Sobre a valoriza33o da pol3tica foram publicados, em tempo relativamente recente, pela Igreja francesa, dois importantes documentos. A Comiss3o Social do Episcopado de Fran3a elaborou uma declara33o intitulada «R3habiliter la politique», onde se indicam propostas tendentes a contrariar a ideia, hoje muito espalhada, de que a ac33o pol3tica n3o vale a pena. Por sua vez, a Comiss3o Justi3a e Paz de Fran3a apresentou outro documento intitulado «Maitriser la mondialisation», onde se faz uma an3lise das implica33es da globaliza33o, sobretudo para o crente cat3lico¹².

Aqueles documentos est3o impregnados por uma ideia nuclear: h3 que «valorizar a tarefa pol3tica», propondo que se estimule «uma rela33o activa entre a pol3tica e a vida quotidiana dos cidad3os»¹³, pois «uma sociedade que a subestime coloca-se em perigo». Adv3m esta proposta da constata33o de que a «desvaloriza33o da pol3tica», por parte dos cidad3os - evidente, nomeadamente na crescente absten33o aos actos eleitorais -, tem a ver com a sua sensa33o de impot3ncia: «a opini3o p3blica tem o sentimento de que os sucessivos

¹² Destes documentos faz eco Francisco Sarsfield Cabral em artigo intitulado «Os cat3licos franceses face 3 globaliza33o», in *Brot3ria*, Lisboa, vol. 149, 2/3 (1999), pp. 235-241. N3o tendo acesso directo aos textos enunciados, tomaremos como base o artigo referido, para expormos algumas ideias sobre eles.

governantes são incapazes de resolver os grandes problemas actuais e de traçar um futuro». As desigualdades sociais e geográficas, o desemprego, a toxicod dependência, a criminalidade, a pobreza, a insegurança nas grandes metrópoles, são alguns dos problemas relevados nos programas de todos os partidos políticos mas, chegados ao poder, não se encontra solução efectiva.

A dialéctica individualismo-colectivismo/ comunitarismo continua presente. E a acção prática da política tem a ver com essa binomia. Muito do agir político, no sentido da resolução dos problemas da comunidade, implica com os direitos ou simples «instalação» do indivíduo. E o que acontece, hoje em dia, nos regimes democráticos, é, por um lado - como anota a Comissão Social francesa -, o acentuar do individualismo extremo, a tendência de «cada um por si». Por outro lado, como as democracias vivem do voto **individual** do cidadão, a práxis daquela requer medidas «adocicadas», agradáveis, para esse mesmo cidadão eleitor. Referindo-se ao caso concreto da França, que se pode generalizar a todos os regimes democráticos, a referida Comissão concretiza: «vivendo num imaginário social onde predominam o medo do futuro e a ausência de um projecto global, os Franceses, prisioneiros do imediato e da emoção, crispam-se sobre os seus benefícios, pedindo ao Estado-providência que os tranquilize.»¹⁴

Sendo a política essencial, porque é o caminho para a vida em sociedade e a condição para que se realize o bem comum (pelo menos nesta fase da história da humanidade), ela requer homens de ética e virtude para o seu exercício. No entanto, o exercício democrático, pautado por valores, não deve nem pode ser exclusivo dos dirigentes políticos. A estes não se podem exigir determinadas pautas de conduta se elas não existirem na sociedade: «Não há democracia verdadeira sem comportamentos democráticos: aprender a conhecer e a reconhecer o outro; privilegiar o debate em relação ao combate; desenvolver o diálogo e o sentido do compromisso; fazer prevalecer a razão sobre a paixão; banir o uso da violência e da mentira.»¹⁵ Eis, pois, todo um projecto a que a educação, em sentido lato, desde o berço até à tumba, não pode estar alheia, por momentos que seja.

A comunidade de Estados, nomeadamente a União Europeia, não pode ser apenas um grande mercado, onde a política se reduza à economia. Urge uma nova mentalidade que redescubra e assuma o genuíno valor da política. A descoberta do homem

¹³ *Ib.*, pp. 236-237.

¹⁴ *Ib.*, p. 236.

¹⁵ *Ib.*, p. 237.

"novo" - pós-moderno, pós-iluminista - é a tarefa primeira. E já que «O mundo todo está cada vez mais presente por toda a parte e em cada um de nós, modificando assim as nossas referências mais familiares», pois a «mundialização é, antes de mais, a presença do mundo inteiro nas nossas vidas» - como refere o segundo documento acima referido -, a acção política tem igualmente que tender para a globalização, não como domínio, mas como assunção da dignidade própria de cada ser.

A intervenção pelas normas jurídicas e éticas nos espaços puramente nacionais tenderá a diluir-se, sendo necessário avançar com a «mundialização do político» para atenuar «a selvajaria da mundialização actual». Acontecerá, então, o «nascimento de uma verdadeira nação planetária», em que, a pouco e pouco, desabrochará «uma sociedade humana, pela primeira vez unificada, que toma consciência dos problemas comuns a toda a humanidade sem por isso se tornar uniforme.»¹⁶

5. A certa altura do discurso aos alunos de Harvard, acima referido, A. Soljénitsyne afirmou: «Não vou examinar a eventualidade duma catástrofe universal nem as mudanças que esta provocaria na nossa sociedade. Enquanto acordarmos todos os dias sob um Sol tranquilo, devemos viver a nossa vida de todos os dias. Mas, há uma catástrofe que, essa, já vem a caminho: é a catástrofe da consciência humana anti-religiosa.

Esta consciência tinha feito do homem a medida de quanto existe na Terra; ora o homem é imperfeito, nunca é isento de orgulho, de cupidez, de vaidade e de dezenas doutros defeitos.»¹⁷ Seguidamente, em forma de interrogação, professa a sua esperança: «será verdade que a vida do homem e a actividade devam, antes de mais nada, definir-se em termos de expansão material? Será admissível que esta se desenvolva em detrimento do conjunto da nossa vida interior?

O mundo, hoje, se não está em vésperas da sua própria perda, está, pelo menos, numa viragem da História que, em importância, nada cede à da Idade Média ou à da

¹⁶ *Ib.*, p. 240. É claro que, como em todos os projectos de intenção, desejáveis, há a marca da utopia. O que não lhe tira o mérito intrínseco. É o que acontece com o ideário dos documentos aqui explanados. O tipo de globalização, aí apontada, deixa-nos muitas dúvidas quanto à sua pertinência num futuro próximo. Basta pensarmos nos resultados das acções ocidentais em África e no Médio Oriente, quer nas intervenções militares, quer na «exportação» do modelo democrático para essas regiões. Quer-nos parecer que a humanidade tem fases de evolução muito diferenciadas. E não valerá a pena querer ultrapassar etapas. Será como querer transformar, à força, uma criança num adulto.

¹⁷ A. Soljénitsyne, *Op. cit.*, p. 48.

Renascença: esta viragem exigirá de nós uma chama espiritual, uma subida para uma nova altitude de vistas [...].»¹⁸

A aduzida «chama espiritual» poderá ser vista num ponto de vista meramente imanente. Há autores que viveram profundamente preocupados com o homem, sem que o horizonte transcendente fosse vislumbrado como algo de necessário à, ameaçada, situação humana. É o caso do etólogo e Prémio Nobel de Medicina e Fisiologia, em 1973, Konrad Lorenz. No conjunto da sua obra, mas de uma forma especial em *Os Oito Pecados Mortais da Civilização*, e na sua espécie de síntese de vida, traduzida no seu livro *O Homem Ameaçado*, encontramos até um combate explícito a qualquer tipo de fé religiosa. Que, aliás, é apontada como a grande culpada pelo entrave à revelação da «sábia realidade da natureza», pois, segundo ele, «o mundo real não pode conter em si quaisquer valores.»¹⁹ Ainda segundo a óptica de Lorenz, «na nossa busca do sentido do mundo não temos de nos virar nem para o sobrenatural nem para o preternatural. "É louco quem eleva o olhar pestanejante e lá nas nuvens busca alguém de semelhante. Que esteja firme e olhe em seu redor! Aos bons o mundo ergue o seu clamor" são palavras que Goethe põe na boca de Fausto.»²⁰

Para aquele autor, apesar de todas as vicissitudes e ameaças por que o homem está a passar, ainda há o «direito ao optimismo» que, entre outras coisas, e dentro da lei máxima do «Não levantarás falso testemunho», tem a ver com a transparência dos homens e, logo, com o combate à mentira: «Creio seriamente que a sociedade humana, encarada como um todo, poderia ser decisiva e beneficentemente reestruturada, se a mentira - tanto pessoal como colectiva - fosse reduzida ao nível que lhe compete.»²¹

Devido aos problemas prementes que a humanidade enfrenta, parece, à primeira vista, ser mais urgente chamar a atenção para a revalorização da política. A dimensão religiosa, quer pela sua prática, quer na sua linguagem, requer um tratamento especial, que não se nos afigura de verbalização fácil. A linguagem do religioso, ou do sagrado na acepção de Mircea Eliade, toca muito o inefável. Talvez indo da periferia para o centro o problema se torne mais inteligível.

¹⁸ *Ib.*, pp. 50-51.

¹⁹ Konrad Lorenz, *O Homem Ameaçado*, Dom Quixote, Lisboa, 1988, p. 232.

²⁰ *Ib.*, p. 233.

²¹ *Ib.*, p. 232.

É um dado inquestionável que todo e qualquer ser humano busca a sua realização, a felicidade. O problema está em saber o que é ser feliz e que caminho certo conduz à felicidade²².

Lendo os tempos de hoje, vemos que o homem comum se contenta, frequentemente, com uma escala de valores em que coloca no topo a saúde, o prazer, o dinheiro. Jesus Cristo, nas bem-aventuranças, veio inverter esta escala: Felizes os pobres! Felizes os aflitos! Felizes os perseguidos! Por seu lado, Nietzsche, numa diatribe contra a moral cristã, vem opor-se tenazmente a esta escala cristã dos valores, olhando-a como a escala duma moral de escravos, antepondo-lhe a primazia da vontade de poder, da luta pelo mais forte.

Diz-nos, por seu lado, B. Russell, de posição agnóstica, que «não ter alguma das coisas que queremos é parte indispensável da felicidade.»²³

A ciência, apesar de estar na base de notáveis progressos, mais notoriamente no século precedente, vei-nos criando a ideia de estarmos a entrar num verdadeiro paraíso terreno, isto é, numa sociedade anestesiada, sem problemas. As ciências ditas exactas têm-nos educado para olharmos só para aquilo que é previsível e a tomarmos a espontaneidade e a vida como uma excepção. Quando, afinal, a vida com os seus imponderáveis é que é a regra e não a excepção. Nascer, crescer, multiplicar-se, padecer, perdoar, sofrer, amar, degradar-se e depois desaparecer e transformar-se, é a regra e não a excepção²⁴. Fácil é constatar-mos que a vida está cheia de adversidades e que a imprevisibilidade é uma característica inalienável de todo o ser vivo²⁵. A beleza da vida tem a marca do inesperado, sendo preciso ir arriscando e ir jogando para conhecer e para aprender toda a vida. Só assim, enquanto seres enformados nas coordenadas espaço-temporais, poderemos ir entendendo e saboreando o verdadeiro valor da liberdade.

Na sua natural tendência para a compreensão das coisas, do mundo, da vida, o homem pergunta pelo sentido, o que remete logo para um fenómeno a que se chama religião. Na imanência da experiência, o homem constata que o nosso mundo é limitado, pois nunca o experimentamos em toda a sua extensão, mas apenas o captamos em fragmentos

²² Veja-se como é colocada esta questão por Santo Agostinho, na sua obra *Diálogo sobre a Felicidade*, Edições 70, Lisboa, 1997.

²³ Bertrand Russell, *Conquista da Felicidade*, 5ª ed., Guimarães Editores, Lisboa, 1978, p. 26.

²⁴ Cf. F. Carvalho Rodrigues, *Op. cit.*, p. 56.

²⁵ Cf. Konrad Lorenz, *Op. cit.*, p. 246.

parciais: «Na medida, porém, em que temos consciência da limitação, ultrapassamo-lo continuamente.»²⁶ Estamos, então, a entrar na dimensão da transcendência: «A transcendência - afirma E. Coreth - acontece na imanência da experiência».

Na sua actividade, o que o homem busca é a alteridade. Segundo o pensamento moderno, o homem é impelido a pôr-se em relação de reciprocidade com o outro. Esta reciprocidade não é mais do que uma consequência da orientação do homem para a Alteridade²⁷. Esta necessidade do ser humano como existente, manifestada na maneira de agir como ser humano, pode, na verdade, denominar-se «instinto religioso». O sagrado concebe-se, pois, como a primeira concretização desse instinto religioso, dando lugar à atitude religiosa, que termina sempre em diálogo, «o diálogo de um ser necessitado de protecção, perante uma realidade que se apresenta capaz de o ajudar.»²⁸ O agir religioso é, assim, «um espaço de experiência no qual tomamos consciência clara da nossa dependência do absoluto de Deus.»²⁹

As formas religiosas têm evoluído. O código de actos sociais de que se reveste qualquer religião é algo secundário, enquanto a experiência religiosa do indivíduo é que se apresenta como essencial. Daí que, do ponto de vista sociológico, se fale do fim da religião. A ser verdade, o que está em causa é certamente a religião no sentido institucional. As Igrejas talvez não tenham sabido ler os sinais dos tempos e fazer o seu *aggiornamento*.

É verdade que a velocidade da era moderna não favorece a vida interior. E tudo tem o seu tempo. No entanto, há religiões onde existem problemas prementes, como por exemplo a libertação da mulher no Islamismo ou as dificuldades que a Igreja católica tem em lidar com o corpo e com o prazer³⁰.

Vários são os pensadores, sobretudo do domínio da filosofia e da sociologia, que neste findar de século e milénio se têm ocupado, e preocupado, com a religião: J. Derrida, G. Vattimo, M. Borghesi, R. Guardini, P. Valadier, E. Gellner, F. Diez de Velasco, D. Bell, R.

²⁵ Emerich Coreth, *O que é o Homem? Elementos para uma Antropologia Filosófica*, Verbo, Lisboa, 1988, p. 230.

²⁷ Cf. F. Soares Gomes, «Religião», in *Verbo. Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, v. 16, Verbo, Lisboa, 1983, cls. 229 e ss.

²⁸ *Ib.*, cls. 239-240.

²⁹ E. Coreth, *Op. cit.*, p. 235. Sobre a tendência e necessidade da redescoberta do sagrado e do religioso, vejam-se as últimas obras, de grande fôlego, de Régis Debray e o livro de Jean Vernet, traduzido com o significativo título de *Só a Religião Salvará o Século XXI*. Ed. Notícias, Lisboa, 2003.

³⁰ Recorde-se, a propósito da Igreja católica, o surpreendente desafio, e ao mesmo tempo propósito, que o sacerdote e filósofo (professor na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra) Anselmo Borges lançou no III Simpósio do Clero (1999), apelando a que o padre do novo milénio deverá respeitar do mesmo modo o sagrado e o profano, pois, na sua afirmação, «é tão sagrado comer como fazer amor ou rezar» - *Diário de Notícias*, Lisboa, 1999/09/02.

Iturra, Frei Bento Domingues e muitos outros³¹. Em todos eles, de uma forma geral, se entrevê uma auscultação-pretensão do regresso ao sagrado.

Dentro daquela perspectiva, trazemos o contributo sócio-antropológico de Daniel Bell, por nos parecer que o seu pensamento representa a problemática em causa, comum a vários autores. A obra deste sociólogo procura fazer o diagnóstico da crise da cultura ocidental, abrindo horizontes de superação dessa crise, que passará por um provável retorno ao sagrado. No seu estudo *O Retorno ao Sagrado?*, vê que o fracasso das pretensões da Modernidade abre nova oportunidade para o religioso, que emergirá desta tríplice condição: a religião moralizante, que estabelece referências para a acção pessoal; o carácter redentor, que assegura uma certa continuidade com o passado e liberta dos excessos da Modernidade; o regresso a formas de pensamento mítico e místico³².

Em conclusão, apesar da proclamação de Nietzsche dizendo que «Deus morreu», e então tudo passa a ser permitido, mesmo assim, para as suas permissões, o homem requer um sentido. Perante as depressões, ansiedades, inquietações, desnortes, o homem tem necessidade de retornar ao dador desse sentido. As desocultações não arredam o mistério. Talvez neste novo século a proclamação seja, então, «Deus ressuscitou» (de novo).

BIBLIOGRAFIA

Agostinho, Santo, *Diálogo sobre a Felicidade*, Edições 70, Lisboa, 1997.

Archer, Luís *Temas Biológicos e Problemas Humanas*, Brotéria, Lisboa, 1981.

Cabral, Francisco Sarsfield, «Os católicos franceses face à política e à globalização», in *Brotéria*, Lisboa, vol. 149, 2/3(1999), pp. 235-241.

Cometti, Jean-Pierre, «Racionalidade e Legitimação», in AAVV, *Dicionário do Pensamento Contemporâneo*, Círculo de Leitores, Lisboa, 1991.

Coreth, Emerich, *O que é o Homem? Elementos para uma Antropologia Filosófica*, Verbo, Lisboa, 1988.

³¹ Entre os muitos escritos neste domínio, alguns têm títulos mais significativos: *Pós-modernidade e Cristianismo. Uma radical mutação antropológica; Descrição do fenómeno religioso na pós-modernidade; O discurso pós-moderno sobre Deus; Cartas a um cristão inquieto.*

³² Apud Alfredo Teixeira, *Entre o Crepúsculo e a Aurora. Modernidade e Religião*, Edições Universitárias Lusófonas, Lisboa, 1997, p. 123.

- Gomes**, F. Soares, «Religião», in *Verbo. Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, Vol. 16, Verbo, Lisboa, 1983, cls. 229-253.
- Lorenz**, Konrad, *Os Oito Pecados Mortais da Civilização*, Moraes, Lisboa, 1974 (nova edição na Litoral Edições, Lisboa, 1992).
- ___ , *O Homem Ameaçado*, Dom Quixote, Lisboa, 1988.
- Meyer**, Michel, *A Problematologia*, Dom Quixote, Lisboa, 1991.
- Rodrigues**, F. Carvalho, *As Novas Tecnologias, o Futuro dos Impérios e os Quatro Cavaleiros do Apocalipse*, Discórdia Editora, Lisboa, 1991 (nova edição nas Publicações Europa-América, Mem Martins, 1994).
- ___ , *Ontem, um Anjo Disse-me. Diálogos para o Século XXI*, Europa-América, Mem Martins, 1995.
- Russell**, Bertrand, *Conquista da Felicidade*, 5ª ed., Guimarães Editores, Lisboa, 1978.
- Scheurmann**, Erich (recolha), *O Papalagi*, Antígona, Lisboa, 1996.
- Soljénitsyne**, Alexandre, *O Declínio da Coragem (Discursos de Harvard, 1978)*, Rolim, Lisboa, s.d.
- Teixeira**, Alfredo, *Entre o Crepúsculo e a Aurora. Modernidade e Religião*, Edições Universitárias Lusófonas, Lisboa, 1997.
- Vernette**, Jean, *Só a Religião Salvará o Século XXI*, Editorial Notícias, Lisboa, 2003.